



Nº _____
Para preenchimento do Ibram

SOBRE A CONSTRUÇÃO COLETIVA DE MEMÓRIAS: OS ACERVOS MUSEOLÓGICOS DO MUSEU DA REPÚBLICA

Apresentação Oral

A presente proposta de *apresentação oral* intenta discorrer sobre uma reflexão presente em minha recente pesquisa de pós-doutorado, realizada na Universidade Federal Fluminense, com a orientação do professor e historiador Paulo Knauss. Trata-se de um estudo sobre o perfil do acervo museológico preservado no Museu da República, realizado a partir da identificação de características gerais do acervo e de diálogos com a equipe técnica da casa. A proposta aqui, especificamente, é apontar algumas novidades no perfil desse acervo que tiveram lugar a partir de fins dos anos 1980, a par da renovação do debate em torno do patrimônio cultural e do compromisso com a afirmação da multiplicidade cultural brasileira. O pressuposto é que todo acervo integra formas culturais expressivas de valores, percepções e ideais presentes no mundo social. Refletir sobre o seu perfil e os sentidos da sua formação coloca em evidência processos socioculturais mais amplos com os quais o acervo dialoga, ao mesmo tempo que ajuda a construir e transformar.

O acervo em exame está organizado em 63 coleções de titulares e 11 coleções temáticas. A força do padrão “biográfico” de sua organização sugere que é principalmente a relação dos objetos com determinados momentos da vida e da trajetória profissional de algumas personalidades o que define a sua condição de objetos museológicos.

Entre os titulares das coleções, a grande maioria são ex-presidentes da República, o que remete ao fato do Palácio do Catete – edifício que abriga o Museu da República desde a sua criação, em 1960 – ter sido sede do Poder Executivo do país, entre 1897 e 1960. Ou seja, referências a presidentes da República no acervo justificam-se não só porque são atores centrais no regime republicano, mas também porque são personagens que atuaram e até residiram no edifício em que o museu foi instalado. Além disso, à época da transformação do Palácio em sede do Museu da República, a decisão de fazer doações ao novo museu mobilizou especialmente ex-presidentes e seus familiares, como se vê em matéria do *Jornal do Commercio*, de 19 de maio de 1960, intitulada “Catete já será Museu da República no próximo dia quinze de novembro”: “Com a notícia de criação de um Museu da República, começam a chegar (...) da parte das famílias de ex-Presidentes da República, documentos, objetos e utensílios de alto valor histórico”. Acrescente-se ainda a força da figura do chefe de Estado como representação de poder no imaginário político nacional. Nesse sentido, as coleções confirmam o peso da mística presidencial na cultura política brasileira, em que o culto a presidentes da República tem longa tradição.¹

Ao lado dos presidentes, outras autoridades/personalidades nomeiam as coleções: ocupantes de cargos políticos, militares, republicanos históricos, antigos proprietários do Palácio, além do sanitarista Oswaldo Cruz e do musicista Francisco Braga, que compôs a música do Hino da Bandeira, letrada por Olavo Bilac. Trata-se de personalidades que têm em comum o *status* privilegiado de um grupo de elite – político, econômico, militar ou intelectual – percebido no acervo como representação positiva da República. Assim, e tendo em vista que a prática de atribuição de títulos às coleções não é neutra, sendo antes um recurso retórico persuasivo em relação às representações de poder na República, é a elite política e social historicamente detentora do poder no país que ganha maior visibilidade na organização do acervo.

¹ GOMES, 2005.

Sabemos que a doação de acervos privados a um museu público e nacional não costuma ser uma atitude desinteressada. Esforços por construir representações positivas são formas de assegurar poder e prestígio, pessoal e a herdeiros. Assim, a legitimidade do homem público encontra apoio e confirmação em condecorações, medalhas, retratos etc., preservados em instituições museológicas. E de fato, o perfil exaltativo dos objetos é uma marca das coleções de titulares. Objetos pessoais ou de artes visuais (pinturas, esculturas, desenhos), materiais de propaganda, insígnias, objetos comemorativos, pecuniários, acessórios de interiores e utensílios de cozinha e muito mais: em tudo vê-se suporte para a prestação de homenagens.

Quanto às coleções temáticas, suas denominações fazem referência às sedes da Presidência da República e, majoritariamente, a levantes ocorridos no país (uma memória militarista, glorificadora da nação). Outra três coleções são: Coleção Museu da República, que reúne os itens do acervo que não encontram lugar em quaisquer das demais coleções; Coleção Numismática Brasileira, com séries de objetos pecuniários, que, identificam, em diferentes épocas, aspectos econômicos, sociais e culturais do país, através de figuras e símbolos neles cunhados; e Coleção Memória da Constituinte, com obras de arte sobre a participação da sociedade no processo que resultou na promulgação da Constituição Federal de 1988.

No conjunto, o acervo inclui peças de mobiliário e decorativas, obras de arte; armamentos e outros itens de propósito militar; objetos de interiores, de propaganda, cerimoniais, pecuniários, de uso pessoal e profissional dos titulares e seus familiares. Merece destaque, pelo volume e temática, uma grande variedade de representações da República, que demarcam o regime republicano como elemento forte da identidade nacional.

Desde fins dos anos 1980, porém, a par de renovações no debate museológico marcadas pela aceitação da diversidade de abordagens no campo do patrimônio, esse acervo começa a apresentar novidades em seu perfil. A título de exemplo, destacamos alguns objetos que fogem ao padrão até então predominante no museu, incorporados (doações ou compras), em 1996, para compor a exposição *A Ventura Republicana*, aberta ao público até 2003. Com curadoria de Gisela Magalhães e Joel Rufino, a proposta foi construir, no Palácio do Catete, uma síntese da vida social no Brasil República. Para tanto, foram incorporados esculturas da Pomba Gira, do Zé Pilintra e Iemanjá; fantasias de baiana, de cazumbá e de palhaço da Folia de Reis; sandália de passista e tênis Adidas; cestos indígenas; instrumentos de percussão e corda (surdo, cuíca, tamborim, berimbau, violão); um pau de arara; uma AR-15; e muitos outros objetos, incorporados com o tento de criar visões da vida no tempo da República.

O acervo original do museu foi também explorado na exposição, porém, como explicou Rufino, a ele foram agregados “monumentos” que “atestam a Paixão, a Dor e a Festa de todos os dias: a Bíblia, o violão, o Livro dos Espíritos, um par de alpargatas, uma AR-15...”²

Enfim, mudanças nas formas de perceber o patrimônio e de legitimá-lo estimulam novas possibilidades no campo da memória e da representação museológica, agora mais expressiva da multiplicidade das experiências sociais.

Obviamente, não estamos propondo que um museu que preserva acervos de perfil elitista seja um museu elitista. Os acervos são protagonistas nas ações educativas e de pesquisa dos museus, sendo problematizados quanto ao seu lugar social. Porém, o esforço de dotar os museus de história de acervos expressivos da pluralidade social tem relação com o esforço de reconhecer os direitos de cidadania de grupos socialmente desfavorecidos. Porque a universalização de direitos não tem a ver somente com questões econômicas, mas também com o fato de que parte da população é marginalizada, esquecida, tratada como parcela desimportante, não havendo sequer interesse dos museus na sua representação simbólica.

Nesse sentido, o patrimônio cultural preservado em museus nacionais de história será sempre uma construção mais democrática se for resultado de um processo de construção coletiva de memórias.

² Catálogo da exposição *A Ventura Republicana*. Museu da República, 1996.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Regina. *A fabricação do imortal*. Memória, História e Estratégias de Consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco/Lapa, 1996.
- ABREU, Regina. Síndrome de Museus? *Série Encontros e Estudos*, Rio de Janeiro, v. 2, n.1, 1996, p. 51-68.
- CANCLINI, Néstor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. *Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional*, n. 23, p. 94-115, 1994.
- CHAGAS, Mario. O objeto de pesquisa no caso dos museus. *Ciência em Museus*, vol. 2, Belém, out. 1990, p. 41-45.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- DESVALLÉS André. Museologia nova 1985 ou O nascimento da “nova museologia” (1985). In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 47, 2015, p. 33-48.
- GOMES, Angela Maria de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. [1. ed. 1988, Vértice/IUPERJ]
- GONÇALVES, Janice. *Figuras de valor: patrimônio cultural em Santa Catarina*. Itajaí: Casa Aberta Editora, 2016.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O templo e o fórum: reflexões sobre museus, antropologia e cultura. In: CHUVA, Márcia (Org.). *A invenção do patrimônio. Continuidade e ruptura na constituição de uma política oficial de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN, 1995. p. 55-66.
- HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- HUYSEN, Andréas. Resistência e memória: os usos e abusos do esquecimento público. In: BRAGANÇA, A.; MOREIRA, S. V. *Comunicação, acontecimento e memória*. São Paulo: Intercom, 2005. p. 5-20.
- KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize (Orgs.). *Objetos do olhar*. História e arte. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2015.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. [1. ed. 1988]
- MAGALHÃES, Aline Montenegro Magalhães; BEZERRA, Rafael Zamorano Bezerra. *Museus Nacionais e os desafios do contemporâneo*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2011.
- MENESES, Ulpiano Bezerra de. *Da arqueologia clássica ao patrimônio cultural: os sentidos da cultura material e seus desdobramentos*. São Paulo: USP, 2008.
- MUSEU DA REPÚBLICA. São Paulo: Banco Safra, 2011.
- NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, PUC-SP, n. 10, dez. 1993, p. 7-28.
- PEARCE, Sussan M. *Musems, objects, and collections: a cultural study*. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press, 1993.
- ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. p. 93-101.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *A escrita do passado em museus históricos*. Rio de Janeiro: Garamond, MinC, IPHAN, DEMU, 2006.
- VERSIANI, Maria Helena. *Correio político: os brasileiros escrevem a democracia*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014.